**O Alcoolismo em Itaporanga – PB**

**Autor: Jesus Soares da Fonseca**

**Itaporanga, como diversas cidades espalhadas pelo interior do Brasil, tempos atrás, era bastante atrasada e não oferecia, à grande parte da população, alguma condição de emprego, de meio de vida, notadamente aos jovens que entravam na fase adulta sem nenhuma perspectiva de vida.**

**Assim, muito cedo ainda, o jovem se entregava ao vício alcoólico, uma espécie de fuga ao ócio, através da cachaça. Não se falava, ainda, por aquelas bandas das atuais drogas pesadas, como cocaína, heroína, ópio, etc, era na base da aguardente de cana.**

**Amadeu Coringa, jovem ainda nos seus 15 anos, morador de periferia, pobre e negro, percebeu que para sobreviver era necessário procurar trabalho, seja o que fosse. Então, conseguiu trabalhar como garçom numa sorveteria, aquela mais frequentada pela classe média mais abastada da cidade. Humilde, logo angariou a simpatia de muita gente e, pela sua disposição no trabalho, do dono do estabelecimento.**

**Aos 18 anos tinha conseguido amealhar algum dinheiro e resolveu entrar para o ramo dos negócios. Para tanto, arranjou um quarto situado quase que no inicio da Avenida Getúlio Vargas, localizado entre o prédio da Sinuca de Ananias Conserva e o Estúdio da Difusora Voz de Itaporanga.**

**Ali, ele abasteceu seu Negócio, em pequena quantidade, com frutas diversas, arroz, açúcar, feijão, sabão, sal, etc. Fez algumas prateleiras e nelas colocou bebidas diversas, refrigerantes e, sabedor que muita gente gostava de tomar algum aperitivo para o almoço, algumas garrafas de aguardente de cana da marca caranguejo muito apreciada na região. Seu estabelecimento recebeu o nome de Cova da Onça, titulo que viria a servir como seu sobrenome, pelo qual ficou conhecido: Amadeu Cova da Onça.**

**Irei fazer um hiato aqui na minha narrativa, visando mostrar alguns “habitantes” do mundo do álcool, residentes na cidade.**

**Apesar da gama muito alta de alcóolatras que pululavam na nossa Comuna, pretendo destacar alguns que por serem bastante espirituosos, angariavam a simpatia de grande parte da população.**

**Antônio de Maráca, rapaz de seus 20 e poucos anos, inofensivo por natureza gozava da simpatia do itaporanguense, talvez até, por compaixão. Sóbrio, o que acontecia poucas horas do dia, tinha dificuldade em se expressar, era gago de nascença.**

**No estado etílico, então, para abrir conversa, pronunciar alguma palavra, era penoso vê-lo falar. Abria e fechava os olhos, descompassadamente, olhando para um ponto vago, enchia o espaço ao seu redor de muita saliva, tamanha era a dificuldade em se expressar – “diz...diz...dizem que sou ca...ca...caneiro, eu be..be...bebo porque Deus de.... de...deixa”. Pobre Maráca, faleceu, como muitos, de coma alcóolica.**

**Nonato de Bíu, inofensivo, engraçado, era outro que gozava da estima de seus conterrâneos. Todo trocado que se lhe davam, tinha um destino certo, um copo de cachaça. Trabalhei sete anos na cidade, pelo Banco do Nordeste, jamais vi Nonato sóbrio.**

**Quase que diariamente, quando me dirigia ao trabalho, lá estava Nonato, que ao me avistar falava: “o doutor bancário vai me dar um dos seus cigarros e não pode dizer que não tem, é um bancário e tem dinheiro para comprar os cigarros todos de Itaporanga”.**

**Eu ria, com a sua ladainha para arranjar um cigarro e lhe concedia um, para seu deleite. Ele me agradecia dizendo: “Deus vai lhe recompensar com muitos maços de cigarro, Deus é bom!”. Eu respondia: “mas, Deus não fuma, Nonato!”. “O senhor é que pensa, Ele tem uma fábrica de cigarro”. E saia cambaleante, alegre e satisfeito! Também, como quase todos de sua linhagem, partiu ainda jovem para Eternidade. Que Deus o tenha na Glória!**

**Maria Mulungu era uma mulher negra, pobre, morava no final da Rua 5 de Agosto, esquina com a Rua Cleto Campelo numa mísera casa de taipa com apenas um cômodo que servia de cozinha e dormitório. Num dos cantos da sala uma cama improvisada com um colchão de palha. Na outra extremidade, um fogãozinho construído com oito ou dez tijolos, onde Ela, numa pequena panela de barro, cozinhava arroz e, posteriormente, feijão, quando tinha.**

**Na parte traseira da casa, havia um terreno de, mais ou menos, três metros quadrados, coberto de mata-pasto e mufumo formando um pequeno monturo. Ali, ela fazia suas necessidades de excreção.**

**Na cidade não havia ainda saneamento, o abastecimento do precioso líquido era feito por carregadores d’água através de jumentos ou por mulheres equilibrando na cabeça uma lata d’água de 20 litros, proveniente das cacimbas localizadas no leito do Rio Piancó.**

**Maria Mulungu era uma dessas profissionais. Acordava muito cedo para o trabalho, muitas vezes no jejum e na ressaca, pois era alcóolatra, coitada, que buscava na cachaça, forças para o extenuante ofício.**

**Sua sorte é que suas freguesas eram pessoas de bom coração e a ajudavam como podiam, dando-lhe refeição e outros mantimentos.**

**Um dia, os vizinhos ouviram seus gemidos alucinantes e trataram de socorrê-la. Levaram-na ao médico que diagnosticou cirrose hepática em grau avançado. Vendo sua penúria, concedeu-lhe muitos medicamentos e lhe fez alerta de que ela não poderia tomar nenhum tipo de bebida alcóolica.**

**Com a ajuda de ‘almas’ caridosas conseguiu vencer o álcool e foi aos poucos se recuperando. Para alegria de muitos que a ajudavam, viram-na sóbria por meses.**

**Entretanto, seu fígado tinha sido bombardeado, danificado durante anos pela bebida. É sabido que o fígado metaboliza o álcool e sendo exposto a dosagens excessivas sobrecarrega-se causando danos irreversíveis. E Maria Mulungu, quase um ano depois de ter deixado o fatídico vício, partiu desta vida sem eira e sem beira como fala o jargão popular, foi descansar junto ao Orbe Divino. Que Deus lhe tenha na Glória!**

**Poderia citar vários outros ‘bebuns’, entretanto me atenho aos mais engraçados, os mais espirituosos.**

**Otávio Garapa era o filósofo deles todos, gostava de contar piadas e criticar seus colegas, com ditos jocosos: “não sei por que eles bebem”! Se alguém lhe perguntava: “e tu, Otávio, não bebes, também? Eu, não! Eu como com farinha”. Era alto, magro, nunca o vi sorrindo, mas também, não fazia cara feia. Seu pai, Severino Garapa confeccionava chapéus de massa em seu ateliê situado na Avenida Getúlio Vargas, quase em frente à loja de Gabila, loja esta, mais tarde de propriedade de Manoel Virgulino. Seus produtos, feitos durante a semana, eram vendidos aos sábados, dia da feira local ou por encomenda, era o seu ganha-pão, para sustento da Família.**

**Sua preocupação maior era, justamente, a bebedeira de seu filho mais velho, Otávio. Mais adianta, nessa narrativa, iremos falar de sua relação com o seu Filho.**

**Voltemos, pois, a falar sobre Amadeu Cova da Onça.**

**O negócio de Amadeu ia de vento em popa, como se diz no jargão popular, apesar do constante assédio da turma do álcool para usufruir de suas bebidas.**

**O destino muitas vezes costuma pregar peça no nosso cotidiano. Foi o que aconteceu com Amadeu. Certa vez amanheceu com uma bruta dor de dente. Aconselharam-no a ir ao dentista local, Dr. João Costa ou a um rapaz que fazia às vezes de odontólogo, Ponche, mais conhecido como doutor Ponche. Entretanto, o medo, o pavor não o deixava ir a nenhum dos dois.**

**Os vivaldinos alcóolatras não perderam a oportunidade, sugeriram-no a tomar um gole de cachaça e sacolejar a aguardente na boca. Foi o que Ele fez. Pelo efeito do álcool, a dor diminuiu um pouco. Mais um trago e faça a mesma coisa, sugeriu outro. Assim de gole em gole, o desditado Amadeu se embriagou e caiu no sono.**

**Era o que queria os cachaceiros de plantão, tomaram conta do pequeno estabelecimento, Cova da Onça, e passaram a noite numa farra desenfreada.**

**Amanheceu o dia e, Amadeu numa tremenda ressaca, não tinha coragem de se levantar. Falaram para Ele tomar uma lapada de cana, para ter força de se levantar. A cantilena se repetiu e a partir dali Ele tornou-se um alcóolico. Segundo a Medicina, há indivíduos que nascem com predisposição genética para se tornar um dependente do álcool. Quiçá tenha sido este o caso do desventurado Amadeu.**

**Ao tomar o primeiro gole não soube mais se controlar. Tempos mais tarde, foi levado ao hospital com coma alcóolica, pela segunda vez. Feitos os devidos tratamentos, o Médico lhe advertiu: - você não pode mais por na boca nem um gole de bebida alcóolica, caso contrário será fatal, será o seu fim!**

**Edilásio Felinto montou um bar na Rua João Severino, ao lado da bodega de Manoel Virgolino, quase em frente à padaria de ‘Seu” Pedrinho. Vendo a penúria de Amadeu, passando necessidades, resolveu emprega-lo em seu negócio. Por semanas afio tudo ia as mil maravilhas, Amadeu correspondendo as expectativas, embora sofrendo muito para se controlar do vício. Tinha constantes delírium tremens quando se recolhia para dormir.**

**Certo dia, quando exercia suas funções de garçom no bar, ao abrir a porta da geladeira, soltou um horripilante grito, bradando: “ tira, tira, tira daqui, eles querem me pegar...”**

**Era uma fase aguda do delirium e ele não suportou, tomou um gole de aguardente e mais um e mais um. Entrou em coma novamente e desta feita não chegou sequer ao hospital, morreu a caminho, aos 28 anos de idade.**

**Com a morte de Amadeu, Severino Garapa chamou o seu filho Otávio para alertá-lo dos efeitos do álcool: “meu filho deixe este vício, venha trabalhar comigo, vou lhe ensinar o meu ofício”. Porém Otávio era irredutível e sempre arranjava uma desculpa com aquele seu ar bonachão. Seu pai não desistia: “meu filho, deixe de beber, deixando de beber você vai virar um homem”. Otávio com seu jeito sarcástico respondeu: “ Pai, Maria Munlugu deixou de beber e nunca virou homem”.**

**Autor: Jesus Soares da Fonseca.**

**Colunista do Portal Águia PB News.com.br**

****